

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 R. ^{rs}	Semest. 18 R. ^{rs}	Trim. 9 R. ^{rs}	N. ^o a entrega	6. ^o ANNO — VOLUME VI — N. ^o 472	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	38800	18900	8250	120	1 DE OUTUBRO 1883	LISBOA, RUA DO LOBETO, ENTRADA PELA RUA DAS GRAÇAS, 42
Possessões ultramarinas (idem)	40000	20000	8500	120		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Estrangeiro (uniao geral dos correios)	38000	18200	8000	120		
Brazil (moeda fraca)	138000	72000	30000	120		

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha mezes, começámos a publicar no *Diario da Manhã* uma série de scenas d'uma comedia extraordinariamente humoristica, que se representa quotidianamente no theatro, por detraz do panno em quanto na orchestra se afinam as rebecas e nos camarotes se limpam os binoculos.

Aquelles que nunca viajaram por esse mundo extravagante e original dos bastidores, não calculam o que se passa lá dentro de phantastico, de pittoresco, não imaginam a intensidade humoristica das farças funambulescas que se geram expon-taneamente n'aquella atmospha hilariante de cançans de camarins, e que excedem em todo o seu possante colorido de realidade, todas as comedias mais alegres, mais jovialmente imaginadas, e mais habilmentadas, e mais combinadas, que se recitam no palco quando o panno está levantado, com todo o rigor de *mise-en-scene* e todo o es-crupulo minucioso dos ensaios bem dirigidos.

Mas, no theatro como no mundo, não é só de gargalhadas que se compõe a vida: ao lado da facecia burlesca ha o drama pungente, a farça acotovella-se com a tragedia, e se a nota comica attinge ali, n'aquelle meio original e complexo uma intensidade estranha, tambem a nota dramatica se eleva ás vezes a um diapason colossal e terrivel, phantasticamente grandioso e dolorido, que raro attinge fóra d'esse mundo excepcional.

Feita a comedia do theatro, a vida dos bastidores, fica estudada nas suas luctas microscopicas e grotescas de ambições insignificantes que se gladeiam, de in-vejas que se agatanham, de odios que se esphacelam, de intrigas que se enredam: é a historia das suas pequenas misérias. Resta, porém, fazer a historia das suas grandes dores obscuras, dos seus pungentes martyrios desconhecidos; essa coisa estranha e terrivel que se póde chamar a tragedia do theatro.

Hontem veio ao nosso encontro, casualmente, quando a não procuravamos, uma scena extraordinaria, assombrosa, d'essa tragedia ignorada.

Dois dos maiores artistas que Portugal tem tido no seu theatro foram ha tempos esmagados pela fatalidade imbecil de duas doenças das mais horrorosas.

Elles ambos partilhavam no palco os seus trabalhos e os seus triumphos, viviam juntos, na vida, na arte e na gloria. Ella não tinha quem a equalasse, não teve quem a substituísse; elle não teve quem o substituísse, não tivera quem o equalasse.

Um dia a arte, o mundo, a gloria acabou para elles, e acharam-se sós unidos ainda, n'essa vida que é a morte sem o descanso, que é a morte sem a esperanza, a cegueira e a imbecilidade.

A elle, o grande actor, a doença, roubára-lhe a luz dos olhos: a ella, a grande actriz, a doença roubára-lhe a luz do espirito. Ella idiota, elle cego!

E expulsos da Arte, expulsos do mundo, cheios de gloria no passado, de trevas no presente, dois cerebros ermos de luz, um da luz que vem de fóra, outro da luz que irradia de dentro, esses dois grandes artistas mortos em vida, o cego amparando a louca que não vê, a louca vendo o cego que não conhece, teem vivido juntos a sua morte, longos annos, que parecem seculos, na intimidade estranha e dolorosa da cegueira com a imbecilidade, n'esse casamento lugubre das trevas com as trevas.

Porém, nem mesmo nas lagrimas a vida é sempre de lagrimas. A natureza humana parece que comprehendeu que seria isso martyrio superior ás forças da humanidade e pôz no fundo de todas as almas, mesmo das mais esphaceladas pela dor um germen de alegria. Mas esse germen, então, quando se desenvolve, é mais lugubre ainda que as profundas tristezas, é ephemero, é sinistro, como o raio, que rasga de repente as escuridões concavas dos temporaes, com o seu claro que quer ser um sorriso de luz, mas que é mais negro, mais sombrio, mais terrivel ainda, que as trevas da tempestade.

E quando essas almas angustiadas sorriem, ha n'esse sorriso todo o fel amargo das ironias impotentes, o solhaçar longamente reprimido de todos as dores dilacerantes e cruéis, que estouram n'uma gargalhada, que é feita de lagrimas, de saudades e de desesperança.

Foi n'um d'esses momentos de jovialidade sinistra, que se deu essa scena desesperadora que é só por si uma tragedia enorme.

Acabára-se de jantar. O pobre grande actor cego remomerava na sua escuridão eterna, e illunada então pelos raios resplandcentes das suas remeniscencias gloriosas, os seus triumphos passados, mortos para nunca mais resuscitarem, e de repente movido pelo fulgor d'essas recordações das suas luctas, dos seus combates e das suas victorias, ergue-se da sua cadeira, e com o seu passo automatico de cego, dirige-



CONDE DE PARIS

se para a sua companheira idiota, que sentira assomar á porta.

E com os seus labios entreabertos n'um sorriso, nos sulcos do qual havia lagrimas, arqueando gentilmente o braço, disse-lhe remoendo entre os dentes o palito que nos seus labios apagou para sempre o charuto.

— D. Emilia dê-me o braço, vamos para a scena.

E ella indifferentemente, com a inconsciencia da imbecillidade, apoiou no braço d'elle a sua mão branca e fina, e deixou-se guiar, indolentemente, por esse braço, que tantas vezes a conduzira ao triumpho e á gloria.

E os dois, o cego e a doida, caminharam um momento, grotescamente, elle com o passo incerto de cego, ella com o passo indifferente de idiota, elle sorrindo com lagrimas, ella sorrindo sem luz; e os que viam esta scena galante e sinistra, burlesca e tragica, choravam, choravam silenciosamente, lagrimas que elle não via, mas que a sua alma chorava tambem.

E digam-nos quantas tragedias profundas e dilacerantes não vale esta scena medonha na sua simplicidade terrivel e pungente.

No mesmo dia, em que nos contaram esta indizipção, lêmos no *Jornal da Noite* uma noticia feita com coração, com logica, em que se pedia ao parlamento uma lei que pozesse ao abrigo da fome, que um dia lhe pôde bater á porta, essa grande actriz, que no seu genero deixou um rasto luminoso que ninguem pode apagar ainda no theatro portuguez e que se chamou Emilia Le-troublon.

Nunca estudámos a fundo esta questão de pensões nos actores; entretanto entendemos que exactamente quando esse subsidio se não deve regatear é quando elle vai socorrer uma grande desgraça, quando pode impedir uma grande miseria.

Fazemos nossas as palavras sentidas do *Jornal da Noite* e fazemos votos para que o parlamento decida favoravelmente a pretensão que lhe foi apresentada; e para que se obste a que Emilia Le-troublon ferida já pela imbecillidade, seja-o um dia tambem pela fome.

Temos sobre a nossa meza ha dias, um livro novo, publicado pelo acreditado editor do Porto o sr. Ernesto Chardron, e ao qual bastava para dar nomeada e venda, o nome

Esse livro chama-se os *Ratos da Inquisição* poema inédito do judeu portuguez Antonio Serrão de Crasto, boticario e poeta galhofeiro e obsceno, que nasceu em 1610, e morreu cego no Hospital Real de Lisboa, para onde fôra recolhido em 1685, das ruas onde andava mendigando.

Os *Ratos da Inquisição* foram escriptos nos carceres do Santo Officio, onde Antonio Serrão esteve aferrolhado dez annos, d'onde viu morrer seu filho queimado pelas linguas do fogo da inquisição — «as luminarias do eterno Moioch».

Folheámos apenas os versos de Serrão de Crasto, mas lêmos com toda a minuciosa attenção que nos merecem sempre es escriptos maravilhosos de Camillo Castello Branco, o prefacio biographico que os precede.

É uma obra prima esse delicioso prefacio em que o talento extraordinario do grande escriptor espalha perfusamente toda a sua pujança e todos os seus deslumbamentos.

«O poema de Serrão é monotono, escreve Camillo Castello Branco. Elle explora tudo o que os ratos lhe podiam fornecer de imagens comicas. Deram-lhe muitas, mas deficientes para colorirem variadamente a grande tela que desenrolou no seu calabouço. O desgraçado agarrava-se áquella idéa burlesca para salvar-se de si mesmo. A sua phantasia escurentada pela velhice e pelo temor dos tormentos não lhe dava outra diversão á soledade tenebrosa de dez annos de cárcere com a perspectiva do Auto de Fé. Inspirações sérias parece que raramente ou nunca o visitaram na juventude nem tão pouco na idade reflexiva. Se quizesse escrever ou pensar os threnos lagrimosos da sua immensa desventura, talvez não podesse.

«Estas decimas dos Ratos a meu vêr foram a distracção, o desafogo que o salvou de succumbir á tristeza pela demencia ou pelas suggestões redemptoras do suicidio. É preciso contar os dias e as noites de dez annos de prisão para indulgentemente prescindirmos de cotear as trovas que se parecem umas com as outras no martelar da mesma idéa. Elle teve talvez a consciencia da uniformidade unisona do seu trabalho amparador; mas não podia levantar a mão cansada d'essa tarefa com receio de que um longo praso de atrophia intellectual lhe regelasse o cerebro febril e a morte o fulminasse na contemplação do seu infortunio.

O chorar de uma afflicção
É alívio, é desatogo.

dizia elle ao seu amigo Mensas a quem pedia esmola: mas preferindo o cantar ás lagrimas como superior alívio, diz a razão porque fazia versos no carcere.

«Quantas vezes eu ouvi os estudantes em toadas fadista arpejando nas guitarras e os cegos mendigos nos violões estas duas decimas pensadas e decoradas nas masmorras do Santo Officio em situação tão cruciante! Diz elle ao seu amigo que as tinha de memoria:

Porém quem afflicto canta
Melhor seus males diverte;
Porque quem chora converte
Sua pena em outra tanta.
Quem canta seus males espanta
E quem chora os multiplica;
Logo desculpado fica
Todo aquelle que penar
Se o remedio de cantar
Aos males que tem applica.

Com cantar o caminhante
Seu caminho vai passando:
As penas d'amor cantando
Alivia o triste amante.
No mar canta o navegante,
Canta no campo o pastor;
Canta o captivo e o senhor
E ao som do seu grilhão
Canta o preso, e da prisão
Cantando, abranda o vigor.

O espaço de que dispomos não nos permite alongar mais a transcripção d'esse delicioso prefacio, em que ao lado da erudição vastissima, e da solidada critica do mestre, ha paginas soberbas de humorismo caustico, d'um bom senso robustissimo, como por exemplo aquellas esplendidas paginas acerca das poesias épicas, das commemo-rações em missas á memoria dos mortos illustres, que termina por esta soberba conclusão profundamente verdadeira:

«Ridículo paiz onde a politica faz praça e alarido das suas hostes pelo numero de missas que arrôla em obsequio ás almas dos seus estadistas!»

Gervasio Lobato.

O CONDE DE PARIS

Ha vinte e cinco annos o pai da pessoa que escreve este artigo era secretario d'el-rei D. Pedro V. Um dia que elle acabava de sahir dos aposentos do mallogrado soberano, deixando-o em conferencia intima com os seus ministros, conferencia que D. Pedro V não queria de modo algum que fosse interrompida, encontrou-se na ante-camara com um moço estrangeiro, sympathico e loiro, que, dirigindo-se-lhe em francez, lhe disse que desejava fallar a el-rei.

— El-rei não falla agora a pessoa alguma; está em conferencia com os seus ministros.

— Faz-me transtorno devéras, tornou delicadamente o estrangeiro, e accrescentou sorrindo: *Est-ce qu'on ne peut pas forcer un peu la consigne?*

— Impossivel tornou meu pai, achando graça ao desembaraço do estrangeiro. Ninguem entra agora nos aposentos de Sua Magestade.

— Mas se eu lhe pedesse passar um bilhete?

— Para lhe passar um bilhete, respondeu o secretario d'el-rei, achando o visitante já um pouco teimoso, é indispensavel ir lá dentro, e é isso o que se não pôde fazer.

E, vindo que o estrangeiro fazia um gesto de cortez desapontamento, accrescentou:

— Em todo o caso, queira dizer-me como se chama, que, logo que os ministros saiam, eu mesmo o vou annunciar.

— Eu, redarguiu o estrangeiro loiro como hesitando um pouco, mas muito singelamente, sou... o conde de Paris.

Escusamos de dizer que entrou logo.

Esta pequena anecdota define bem o homem. É um verdadeiro neto de Luiz Filippe, que foi, digam o que disserem, o verdadeiro prototypo dos reis constitucionaes, e a França tem pago, com revezes, desventuras e humilhações de toda a especie, não ter comprehendido as vantagens d'aquelle regimen, que encerra em si proprio todos os elementos de uma evolução benefica. Se Victor Hugo, que foi par do reino com a monarchia de julho, empregasse para defender as instituições que preza a energia que emprega para demolir as instituições que odeia, se os socialistas percebessem que era muito melhor um regimen que os deixava discutir em paz todas as suas theorias do que o regimen que se seguiu e que os mimoseou com a metralhada de junho, a França desenvolvia tranquillamente as suas instituições liberaes, e não tinha tido talvez dois annos de anarchia e vinte de despotismo.

Não succedeu assim, a França preferiu as migrações da republica ás realidades da liberdade pa-

cifica, e os principes d'Orléans, destinados a constituir uma familia modelo de soberanos constitucionaes, porque as suas duas gerações successivas teem sido educadas no amor e na pratica da democracia, não estariam representando o triste papel de pretendentes, que melhor cabe aos enfatuados representantes do direito divino do que aos principes democraticos que consideram o respeito da vontade popular como o primeiro dogma das instituições modernas.

O conde de Paris é homem estudioso e serio. Não o devora a ambição. Vive pacificamente, burguezmente, viajando, estudando, escrevendo, e pensando pouquissimo no throno da França, sem se eximir por isso ao cumprimento dos deveres que o seu nascimento lhe impõe. Escreveu um livro interessantissimo sobre as *Associações dos operarios de Inglaterra*, livro que mostra que lhe não são estranhas as questões sociaes, que são por fim de contas as graves questões do momento actual. Esteve tambem nos Estados-Unidos durante a guerra secessionista, e escreveu a esse respeito alguns estudos notaveis. De subito, a morte do conde de Chambord veio collocar-o á frente do partido monarchista francez, ao qual parece adherir agora, se devemos acreditar algumas palavras do sr. Paulo de Cassagnac, uma parte pelo menos do partido cesarista. Enganam-se com tudo os que imaginam que acabaram completamente as desunioes do partido monarchista em França. Já não ha questão de pessoas, mas o partido reaccionario não poderá nunca applaudir a politica do conde de Paris. Este com cert-za nem fará declarações a favor do restabelecimento do poder temporal, nem favorecerá de modo algum as tendencias ultra-catholicas de alguns dos membros da extrema direita. Importa isso pouco. É certo que n'este momento o partido monarchico-liberal em França está solidamente constituido, e que o seu natural representante e chefe está sendo o conde de Paris.

Está morta por conseguinte a republica em França, não é assim? Tambem se enganam. A republica franceza não supomos que morra, em quanto estiverem na presidencia homens como o sr. Grévy, porque as republicas, para viverem, é necessario que se pareçam o mais possivel com as monarchias constitucionaes. Ora o sr. Grévy é perfeitamente um rei constitucional, é o Luiz Philippe da republica. Por isso tambem os republicanos francezes, que o elegeram para a presidencia, por assim dizer interinamente, já o não podem aturar. O que lhes convem para presidente é um homem da laia de qualquer dos dois Napoleões, que elles elejam por uns poucos de milhões de votos, e depois lhes dê um pontapé valente a elles e á sua republica, e atire com tudo de cangalhas. Se a republica dura ainda em França, é porque os republicanos francezes, por mais que tenham procurado ainda não encontraram um sujeito d'esse feitio.

Em elles o encontrando, em havendo repiques de sinos, e luminarias em França, em correndo em todo aquelle paiz singular um frémito de entusiasmo, em todos elles bradando: Cá encontramos finalmente um salvador para a republica, rezem por alma da republica franceza.

D'ahi a dois dias está o *sahador* feito imperador ou rei, e os republicanos francezes a gritarem que foram atraigoados pelo *sahador*. É a eterna historia, e podem-se prophetisar á vontade estes acontecimentos, porque isso não os impedirá de se realisarem fatalmente.

Vejam o que ia succedendo com Gambetta. Este homem verdadeiramente notavel era com tudo o mais improprio possivel para ser presidente da republica. O dictador de Tours, o orador fogoso e energico de Belleville era mesmo homem para apanhar uma votação contraria da camara, tendo elle o poder na mão, sem atirar para as profundas do inferno a camara e a republica! Vejam o que elle fez quando organisou o grande ministerio! A primeira contrariedade parlamentar, foi para a rua. Se elle estivesse no logar do sr. Grévy, quem ia para a rua, era a camara. E, se a França tivesse o atrevimento de o tratar como tratou Mac-Mahon, e elle tivesse o exercito á sua disposição, não era elle quem se submettia nem quem se demittia. Isso era bom para dizer aos outros Remedio para uso externo.

Isto que dizemos é de uma evidencia acima de toda a expressão. O temperamento de Gambetta era um temperamento de dictador, e a França que o sabia estava já morta por leval-o á presidencia. Os senhores sabem porque a França chamou Grande a Luiz XIV, e porque é que o proprio Henri Martin, escriptor republicano, se extasia na sua *Historia de França* diante do *rei-sol*? Foi porque elle entrou, de botas e esporas e de chicote em punho na sala do parlamento. E Bonaparte

ganhou muito mais sympathias por ter dispersado a bayoneta os membros do conselho dos Quinhentos do que por ter tomado a ponte de Arcola. A França é um paiz muito liberal, mas os seus representantes passam com ella uma vida de cães. Quando não são os reis e os imperadores que os tratam a chicote, é o povo em pessoa quem se digna invadir a assembléa dos seus eleitos, e tratá-los... á moda de Luiz XIV.

Portanto estejam descansados. O sr. Grévy é um optimo presidente, da familia dos Washingtons, respeitador da liberdade, e moderado no exercicio do seu poder. Por isso a França, se o não poz fóra ainda, foi porque o sr. Gambetta morreu, e ainda não encontrou por mais que o tenha procurado, um sujeito tezo que se escarranche na republica e lhe faça sentir o freio e as esporas. Em o encontrando está a França nas suas sete quintas. Manda passejar como as rãs, o presidente-cepo, e leva em triumpho ao Elyseu o presidente-serpente. Feito isto, ou o partido liberal em França é bastante forte para resistir ao despota, e o seu chefe será então o conde de Paris, ou o despota sabe dominar a situação e temos um terceiro imperio.

Agora passar de Grévy para o conde de Paris é trocar orchata por capilé, e a França o que reclama é bebidas fortes. Tem andado a farejar pelas cantinas dos corpos de exercito para ver se encontra quem lhe sirva, mas os generaes divisionarios não são da tempera dos Bonapartes. Se da Cochichina é que lhe vinha um dictador, muito tínhamos que rir!

Pinheiro Chagas.

AS NOSSAS GRAVURAS

VILLA DO CONDE

Na provincia de entre Douro e Minho a 25 kilometros do Porto, na margem direita do rio Ave está assente em sitio plano Villa do Conde. Data a sua fundação, ou pelo menos, a sua elevação a um nucleo de povoação importante, do principio da monarchia, pois se afirma ter sido dada ao conde D. Mendo Paes Bufino, contemporaneo dos primeiros principes asseverando-se que já de tempos mui remotos alli existia um antigo Castro.

Alegria a villa, formando-lhe um porto agradável, o Ave, que tendo percorrido mais de sessenta kilometros, desde a sua origem, e recebendo proximo á villa as aguas do Este, entra no Oceano mais grosso.

É navegavel até á villa, e o seria mais, se alguns açudes o não interrompessem, discorrendo por elle algumas canoas e pequenos barcos.

Foi aquelle porto muito concorrido de navios de boa lotação, e ainda pelo meado do seculo passado era o seu movimento de 50 a 60 navios, principalmente destinados ao transporte de sal.

Cria o rio muito bom pescado, mas acha-se muito açoriado, como em geral o estão quasi todos os nossos rios, por não se ter cuidado nem com methodo nem com sciencia do regimen das nossas aguas.

Um caminho de ferro de via reduzida communica o Porto com a villa. D'esta a pouco mais de um kilometro está a Povoa de Varzim, formando quasi a continuação d'ella.

Das obras mais notaveis que ha na villa occupa o primeiro logar o convento de Santa Clara, fundado por D. Alfonso Sanches, filho bastardo de D. Sancho I e de D. Maria Paes Ribeiro, a quem este havia dado o senhorio da Villa, e que aquelle herdou de sua mãe.

Ha uma lenda a este respeito que se póde vér nas chronicas monasticas. O fundador fez doação ao mosteiro de muitos bens e direitos, de que as freiras usaram e abusaram, usurpando até alguns, a ponto que D. Duarte nas cortes de 1436 lhos ceou, e finalmente, tendo sido condemnadas para satisfazerem á coroa quatro mil cruzados pouco mais ou menos, por commissos e decursos, e não tendo com que poder satisfazel-os, tiveram que ceder a sua jurisdicção a D. Duarte, filho de el-rei D. Manuel, que por ellas os pagou, passando depois o dominio para a casa de Bragança, pelo casamento de D. Catharina filha d'aquelle infante, com o duque D. João I.

É um magnifico edificio, e a gravura deixa bem perceber a sua grandiosidade e bella situação.

A egreja é soberba e dentro d'ella jazem os fundadores. O espaço não nos permite decrer as bellezas d'este monumento, talvez um dia o faremos.

A barra é estreita e defendida por uma boa obra, hoje bastante damnificada, que foi delineada por ordem d'aquelle infante D. Duarte, pelo engenheiro italiano Philippe Tercio, que depois esteve ao serviço de Philippe II.

Trabalhando n'estas obras, descobriu um ope-

rario uma bella safira, que deu ao Conego Manuel Maio, que a vendeu no Porto por vinte e cinco mil réis a um estrangeiro, o qual dizem obtivera em Paris setenta mil cruzados por ella. Consta que appareceram outras, mas mais pequenas.

Antes da construcção d'essa obra, havia ali um pequeno forte junto á antiquissima ermida de Nossa Senhora da Guia, ermida de muita devoção.

Não o era menos a da Senhora do occorro. Ha na villa uma só parochia de S. João Baptista.

Villa do Conde tem cerca de quatro mil habitantes; tinha representação em cortes, tendo os seus representantes assento no oitavo banco.

São suas armas uma nau com as velas enfundadas em acto de navegar, com flammulas e por distinctivo n'ella as armas reaes.

O espaço obriga-nos a encurtar esta noticia.

NAUFRAGIO DO VAPOR LUZO

Já na chronica do nosso n.º 168 de 21 de agosto ultimo se alludiu a este sinistro, agora diremos rapidamente como elle se passou.

Navegava o *Luzo* da Ilha de Santa Maria para a de S. Miguel com rumo certo e sabido. Ao approximar-se d'esta Ilha a cerração era densissima. O *Luzo* era alli esperado, e é costume d'aquelles insulares aguardarem alguns pelas alturas que se aviste o navio, para o ir comunicar ás familias que esperam parentes ou noticias, o que até alguns membros d'estas costumam fazer, e sendo certo que aquellas vistas, muito habituadas a espicar o mar, descobrem o vapor a muitas milhas de distancia, ainda esperavam por elle e o não viam estando elle já sobre as pedras. De terra não se via o seu farol, nem de bordo se via o da doka, e quando o vapor bateu nas pedras os passageiros julgavam roçar pelas restingas do talude da doka.

Duas corvetas francezas que estavam fundeadas no porto haviam redobrado de vigilancia, por se esperar o vapor, e por a cerração não deixar avistar os faroes. Eram 11 horas da noite de 26 de julho quando se deu o sinistro, encalhando o navio na ponta da Lagoa d'aquella ilha.

Não houve perda de vidas, porque todos os passageiros e tripulação se salvaram, assim como as malas do correio, apesar de, como lomos em um periodico dos Açores, alguns escaleres estarem em tão mau estado que se encheram d'agua ao arrial-os, e os proprios salva-vidas se encheram d'ella até ás caixas de ar. Se tal é, deve haver todo o cuidado em examinar estes instrumentos de communicacção e salvacção repetidas vezes, para não servirem antes de nojo, que de refugio no momento do sinistro.

A carga salva já produzia 3:000:000, o resto está muito avariado, mas continuava-se a salvar o que se podia.

O *Luzo* fora mandado construir em 1875 pela empresa insulana em Liverpool. Era da lotação de 1071 toneladas, e tinha accommodações para 60 passageiros de 1.ª classe, 24 de 2.ª e 50 de 3.ª; tinha alguns defeitos de navegabilidade, mas a confiança no seu honrado e velho commandante era illimitada da parte dos açorianos.

Alguns espiritos pessimistas quizeram attribuir o sinistro a premeditação, mas contra isso depoem a longa pratica e honrado caracter do capitão, que tantos serviços tem prestado a portuguezes e estrangeiros em sinistros como este, a diminuição que a propria companhia insulana havia feito no valor do seguro, as circumstancias acima apontadas, referidas pelos passageiros, alguns dos quaes eram antigos officiaes de marinha mercante, e o testemunho insuspeito que, ao conhecerem taes boatos, se apressaram a dar os commandantes das corvetas francezas, entregando espontaneamente ao commandante do *Luzo*, uma declaração em que affirmam que a cerração era tal n'aquella noite, que de seu bordo se não viam nem os faroes de terra nem o do vapor, ficando registado nos seus diarios aquelle accidente meteorológico.

A nossa gravura representa o vapor depois do sinistro.

O Theatro da Rua dos Condes

(Continuado do n.º 170)

Os ensaios do *Auto de Gil Vicente* foram dirigidos pelo auctor do drama. Garrett tinha para isso não só a grande competencia litteraria mas, os conhecimentos especiaes da arte de representar, adquiridos no desempenho de alguns papeis, como curioso, e com o ter visto nos theatros de Paris os primeiros actores d'aquella tempo.

O exito alcançado pelo drama foi grande. O periodico o *Nacional*, noticiando a 6 de setembro de 1838 que ia dar-se pela decima vez a peça de

Garrett, dizia que fora esta uma das que mais acceitação tinham tido; e, do empenho que o nosso publico mostrava em cooperar para o restabelecimento completo do theatro nacional, deduzia a consequencia de que tal resultado seria infallivel se os litteratos portuguezes continuassem a dar-se ao trabalho de similhante empreza.

Os dois principaes papeis de dama, no *Auto de Gil Vicente* foram desempenhados por duas actrizes que ainda hoje vivem e que tiveram uma carreira theatral longa e abundante de glorias.

De uma d'ellas — Emilia das Neves — artista de dotes admiraveis e excepcionaes, são bastante conhecidos os promenores biographicos.

Apenas relataremos aqui o modo como foi acolhida a sua estreia. Todos os jornaes e o publico reconheceram na interprete do papel da infanta D. Beatriz um talento de primeira ordem. O periodico *Atalaya dos Theatros* prophetisou que Emilia das Neves viria a ser um dos ornamentos da scena portugueza.

Ha poucos dias contava-me a sr.ª D. Carlota Talassi, a outra actriz que desempenhou um papel importante no *Auto de Gil Vicente*, um caso succedido com Emilia das Neves e que bem mostra quanto esta excepcional artista se compenetro da arte de representar, desde o começo da sua carreira theatral.

No terceiro acto do drama, pouco depois de D. Manoel se despedir de D. Beatriz, entrega esta uma carta ao Conde de Villa Nova de Portimão, dizendo-lhe que a remetta para o Paço. Ora aconteceu que, por descuido do contra-regra, faltou a carta na primeira recita do drama.

Emilia não deu o minimo signal de perturbação; levou a mão ao decote do vestido, fingiu tirar d'alli o papel, e estendeu para o cortezão a mão fechada, simulando que lhe dava a carta.

No entretanto, o actor Matta, que fazia a parte do conde, tendo reparado na falta, dava mostras de inquietação que o publico não soube a que attribuir.

Como dissemos Carlota Talassi é que desempenhou o outro papel importante do drama, o de *Paula Vicente*.

Tivemos ha pouco tempo o prazer de travar conhecimento com aquella senhora, que é hoje a decana das nossas actrizes. Vive ha longos annos n'uma boa casa que possui no Campo Grande, mas sem que ainda podesse esquecer a magoa de ter sido aposentada em 1862, dois annos antes de estar no caso de ser reformada, com o ordenado por inteiro. A desconsideração que a actriz julgou ver no acto official, foi-lhe muito mais sensivel do que o prejuizo que desde aquella data está soffrendo nos seus interesses.

Carlota Talassi nasceu no Porto em 20 de setembro de 1811, e era filha da actriz Catharina Talassi, que, segundo vimos na distribuição dos papeis do *Auto*, fez a parte de *Joanna do Taco*.

Quando tinha dez annos incompletos estreou-se Carlota Talassi, no Porto, fazendo um papel de menina no drama — *Os Mouros na Hespanha*, que subiu á scena a 13 de maio de 1821, para festejar o anniversario de D. João VI. A actriz continuou a representar diversos papeis com agrado das plateias portuenses, até que veio para Lisboa, definitivamente, em 1825. Durante a sua longa vida artistica representou em Lisboa nos theatros da Rua dos Condes, Salitre, S. Carlos, indo finalmente para o de D. Maria, logo que este se inaugurou, e alli permaneceu até deixar — como ella propria escrevia ha poucos dias n'uns apontamentos que me confiou — «a sua arte querida e os seus bons collegas» de quem teve sempre o respeito e a estima.

A actriz Carlota Talassi começou por desempenhar os papeis de ingenua, passando, depois da entrada de Emilia das Neves para o theatro, a fazer as damas centrais. Foi ella que creou o papel de *Lucrecia Borgia* no drama de Victor Hugo, o de *Joanna de Flándres* na peça d'este nome, o de *Filippa de Vilhena* no drama de Garrett, o de *D. Maria de Alencastre* na peça de Mendes Leal, assim intitulada, o de Rainha na *Rainha e a Aventureira*, o da *Condessa no Capitão Paulo* de Alexandre Dumas e o de *Catharina Howard* em outro drama do mesmo auctor.

Carlota Talassi não se dedicou unicamente nos trabalhos scenicos; senhora de espirito cultivado, traduziu muitas peças. Eis o nome de algumas: *Luiza Bernard*, *Paulo ou a esposa virtuosa*, a *Camara Ardente*, *Duqueza de Marian*, *Pacto de amor*, *Cirterna de Alby*, *Marido rapaz e mulher velha*, *Delicto e arrependimento*, *Corde de Renneville* e *Conde Juliano*.

Todas estas obras foram representadas no theatro da Rua dos Condes ou no de D. Maria.

(Continúa.)

Maximilano d'Azevedo.

HOSPITAL DE D. LUIZ I

NO PARÁ

«Apesar de tudo quanto possa dizer-se, é relativamente pequeno o numero dos portuguezes, que podem considerar-se felizes com a emigração para o Brazil.

«O novo clima amollenta-lhes o corpo, e descora-lhes as faces.

«É verdade que nos barqueiros, que os levam a terra; nos carregadores, que lhes pegam na bagagem; nos varredores das ruas, nos vendilhões ambulantes; nas casas de commercio, nos sertões, nas florestas, nos hospitaes, nas officinas, nos cam-

pos, nos rios; ao sol, á chuva; empregados em todo o genero de trabalhos, espalhados por toda a parte — encontram sempre portuguezes, como elles.

«Mas... no fim de alguns annos, perguntam-lhes por quarenta ou cincoenta dos seus companheiros de viagem; e elles, com um suspiro doloroso, dizem muitas vezes: — Restam apenas dois ou tres; os mais desapareceram. A febre amarella, a flecha dos gentios, a profundeza dos ygarapés, a febre dos pantanos, a serpe dos tabocães, o tiro de um negro, a garra de uma fera, a falta de commodidades ou de soccorros, o veneno dos reptis, a carencia de recursos e o mais que sabemos — deram cabo d'elles, coitados!

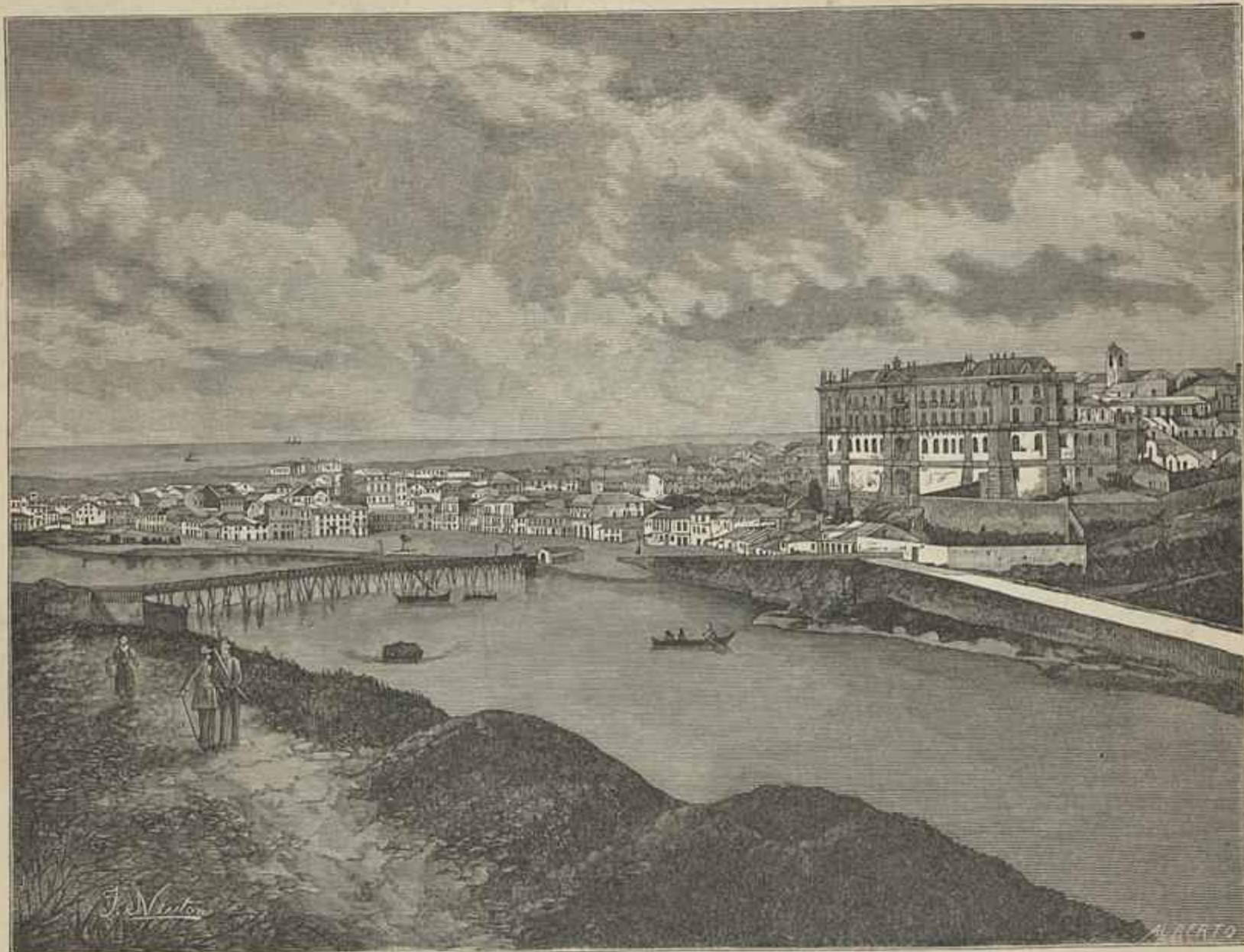
«As excessões, os menos desditosos, quando a

sorte lhes sorri, augmentam sempre em inimitavel patriotismo: fundam na sua colonia escolas nocturnas, onde se instruem; estabelecem gabinetes e gremios litterarios, onde encontram os elementos essenciaes para a cultura do seu espirito; sustentam toda a sorte de associações de soccorros mutuos para as eventualidades da vida; organisam bibliothecas; levantam casas de caridade e hospitaes gigantescos.

«Isto para elles.

«E a patria? Esquecem-n'a porventura?

«Percorra-se o paiz inteiro. Nos trabalhos ruraes, no armamento do exercito, nos hospitaes, nas casas de misericordia, nos monumentos nacionaes, nas obras beneficentes, em tudo emfim — circula o seu abençoado dinheiro; em tudo



VILLA DO CONDE (Segundo uma phototypia)

estão patentes as marcas da sua generosidade e amor excepcional á terra, que lhes deu o ser.»

Isto, pouco mais ou menos, escreviamos nós ainda não há muito, fallando dos nossos compatriotas, espalhados pelo vastissimo territorio do imperio brasileiro.

De facto, nos fastos variadissimos d'esses cem mil homens, cuja norma de uma louvavel intranquencia é um trabalho constante e methodico — ha paginas tão fecundas de empreendimentos notaveis, que mais parecem fructos de uma legião autonoma de valentes privilegiados do que simples obras de um punhado de homens, domiciliados em terras estrangeiras.

Que methodo constante de um trabalho fecundo, realisado muitissimas vezes no meio de perigos e revezes, longe de lhes esterelizar os sentimentos, levando-os ao extremo apuro de um egoismo sordido, bem ao contrario, transformando-se em miraculosa curnocopia, despeja de si flores e fructos de uma abençoada e constante primavera, d'onde revertem muita honra para elles, um progresso sempre crescente para a terra,

que os abriga, e um lustre immorredouro para o nome portuguez.

Bastam para exemplo as caixas de piedade, as instituções litterarias, as edificações ruraes e urbanas, as sociedades de soccorros mutuos e os numerosos hospitaes, disseminados de norte a sul, de um lado a outro do grande imperio.

É de um d'estes estabelecimentos, uma das muitas paginas douradas do grande livro de glorias da colonia portugueza, que nos vamos occupar, do modo como nol-o permittirem as incompletas informações, que podemos dar.

Referimo-nos ao hospital *D. Luiz I*, cujo desenho figura hoje n'uma das paginas do *OCCIDENTE*, este sympathico hebdomadario illustrado, a que a arte e as letras patrias devem muito.

Entre os portuguezes illustres, com direito ás honras do pantheon, que era para desejar fosse creado entre a colonia do Pará, tem um logar elevado Francisco Gonçalves de Medeiros Bran-

co, poeta de facto e de coração, cavalheiro de uma illustração pouco vulgar em commercio, e de uns sentimentos, de que a nobreza do seu character era espelho fiel.

Foi a 26 de setembro de 1854 que um grupo de portuguezes, capitaneados por esse homem de benemerita e querida memoria, lançou os fundamentos da Sociedade Beneficente, lavrando a primeira acta dos seus trabalhos de organização provisoria.

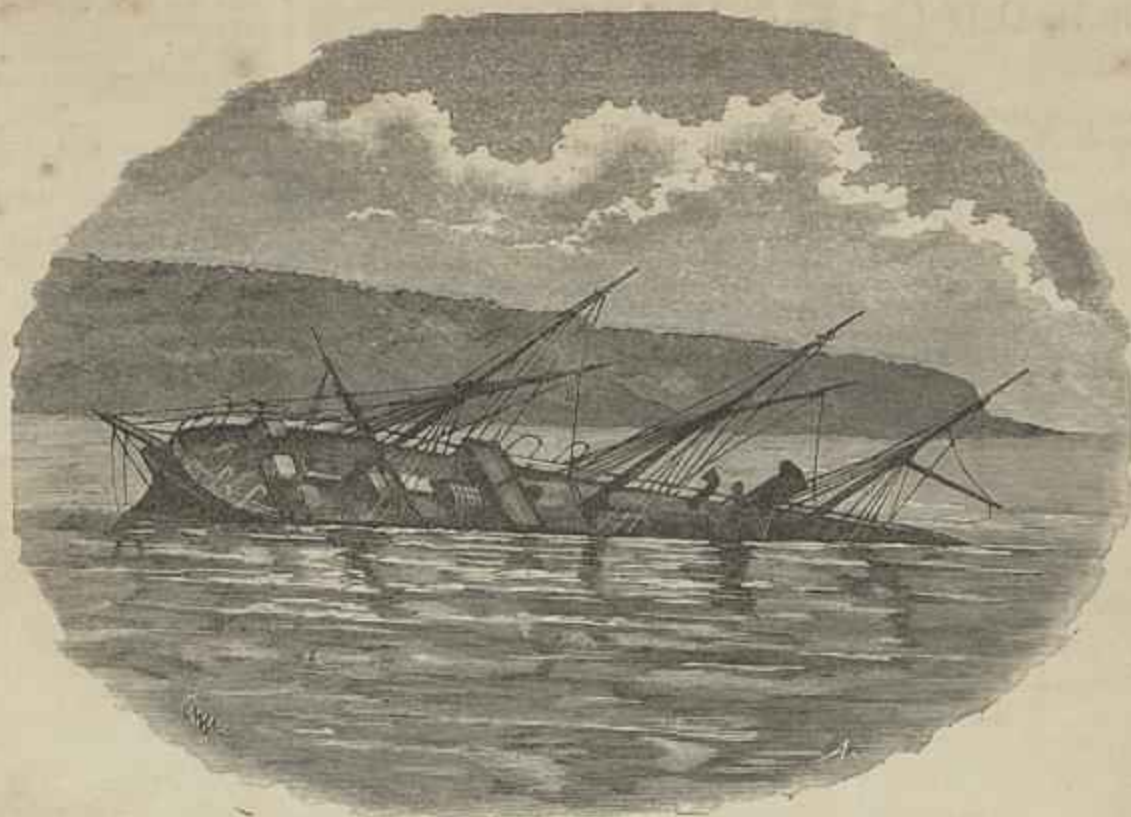
A nova associação, de que Medeiros Branco tomou a presidencia, depois da sua installação definitiva, começou a celebrar as suas reuniões n'uma casa do largo das Mercês, onde hoje se encontra o *Hotel Europeu*, edificio, que mais tarde adquiriu por compra.

Toda a actividade e amor, que um homem intelligente, zeloso e bom pode dedicar a uma obra, que não é exclusivamente sua, mas da humanidade soffredora — empregou-os inteira e cabalmente, com prejuizo da sua saude e interesses, Medeiros Branco, em tudo o que diria respeito á recente sociedade.

Nem por isso deixaram de surgir, dentro de certo tempo, discussões de nefasta memoria, conflictos mesmo, que lhe gravaram na alma pesados desgostos, marcas indeleveis, que o acompanharam até á hora da morte; como se deprehen- de da biographia d'este homem be- nemerito, homena- gem, dedicada a tão honrada memoria, pelo seu melhor amigo, o não menos illustrado sr. Mendes Cavalleiro.

A sociedade re- sentiu-se d'este abalo, produzido na sua maior força creadora, e foi lentamente produzindo os seus beneficios, aqui e acolá, em favor de um ou outro neces- sitado, de modo que só treze annos de- pois, a 31 de outu- bro de 1867, poude lançar os fundamen- tos de um hospital provisorio, já em terreno proprio, na praça de Pedro II, com o valioso auxilio de muitas ofertas de toda a sorte de materiaes, obtendo um anno de- pois o titulo de — Real — por alvará de el-rei, o sr. D. Luiz, no mez de março, sendo ministro do reino o sr. Marquez de Avila e Bolama.

Succederam-se, antes e depois d'esta data, va- rias administrações. Sete annos mais tarde, em 31 de dezembro de 1874, tinham dado entrada no hospital dois mil Joentes, entre pensionistas e beneficiados.



O VAPOR LUZO NAUFRAGADO EM PONTA DELGADA. (Segundo uma photographia de J. Pacheco Toste)

Quatro annos antes, tomara conta da presiden- cia o sr. Antonio José Antunes Sobrinho, socio de avultados teres e medianas occupações, que lhe facultavam o tempo necessario para applicar a sua boa vontade a bem da instituição; o que fez com a maior sollicitude, promovendo recitas nos theatros, subscrições, donativos e toda a sorte de auxilios para equilibrio do fundo social.

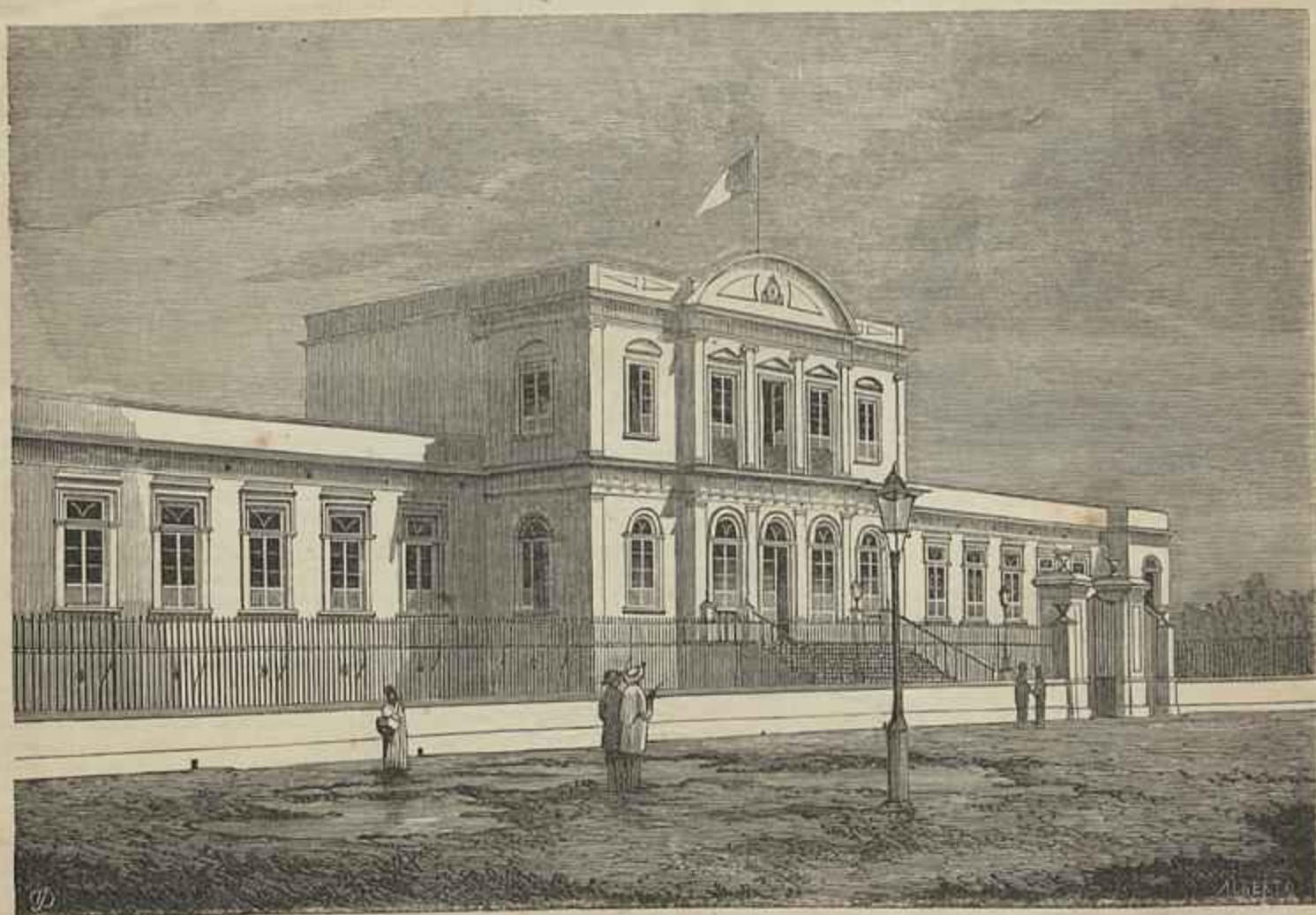
com que a commissão encarregada do levanta- mento do novo edificio, venceu embaraços e diffi- culdades, e não menos admiraveis os recursos adventicios e de occasião que se proporcionaram em ofertas de materiaes e dinheiro, no producto de uma subscrição, um espectáculo e um bazar, onde se disputam encarnicadamente ninbarias sob o ponto de vista da mais bizarra generosidade.

Ha na construcção d'este edificio o exemplo admiravel de uma dedicacão, para que não ha encomios que bastem, a dedicacão de um ho-

Pensara-se desde algum tempo n'uma creação mais vasta, que correspondesse cabalmente aos fins da sociedade; o que não era facil, ainda mesmo compulsan- do-se o producto da venda dos dois edificios e, o que mais valia, o patrio- tismo da colonia portugueza.

Com effeito, na commemoracão dos annos do sr. D. Luiz, a 31 de outubro do citado anno de 1874, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital, a que se deu o nome do mo- narcha, em uns ter- renos a pouco mais de um kilometro da cidade, em sitio re- putado como um dos mais saudaveis, ao lado direito de Nazareth, o ar- balde, onde não ha diversidade de pai- sagens, pela falta de saliencias monta- nhosas.

É realmente pas- mosa a tenacidade,



BRAZIL — HOSPITAL DE D. LUIZ I, NO PARÁ (Segundo uma photographia)

mem, que, durante perto de tres annos, consagrou generosa e gratuitamente todas as suas horas, todos os seus dias á direcção, economia, fiscalisação e andamento das obras, com uma tenacidade e perseverança, como talvez não manifestasse em cousa sua.

Este homem é o sr. Oliveira Catramby.

O relatorio do anno seguinte, ao pedir na acta um voto de louvor para esse benemerito, que nem ao menos era socio, diz: — em signal do nosso reconhecimento e alta consideração, especialmente para com o Ill.^{mo} sr. José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby, a quem devemos serviços, que *nenhum de nós estava no caso de offerecer á sociedade, por bom ordenado, quanto mais gratuitamente.*

Em verdade, elle está para o levantamento do hospital *D. Luiz I* como Medeiros Branco para a existencia da Real Sociedade Portugueza Beneficente.

(Continua.)

Sanches de Frias.

DEZ DIAS EM HESPAÑHA

NOTAS DE VIAGEM

(Continuado do n.º 171)

III

Não ha nada mais pelintra no mundo que os trens de praça de Madrid; em compensação será difficil encontrar nas melhores equipagens particulares de Lisboa algumas que excedam os trens de aluguer em cocheira, que ha na capital da Hespanha. São uns *landaus* magnificos com excellentes molas, riquissimas parellhas, verdadeiras carruagens de luxo, com cocheiro e trintanario irreprensivelmente vestidos, com bellas *librés* de alto tom.

É por isso, que para um estrangeiro, é inteiramente impossivel differença no Buen Retiro ou na Fuente Castellana, as carruagens de aluguer d'aquellas que não se alugam.

Um francez que encontrámos uma tarde no Prado, fez-nos equal reflexão a respeito das mulheres. Effectivamente, como já dissemos, todas as madrilenas desde a mais fina sociedade, até á mais equívoca, se pintam, e caíam com grande exagero de pó d'arroz, a sua caracterisação junto ao *salero* peculiar da hespanhola, a sua desenvoltura graciosa e a sua *toilette* pittoresca, tornam difficil aos olhos estranhos a distincção que o francez não sabia fazer.

As carruagens de aluguer em Madrid são excellentes; é verdade, mas são extremamente caras.

São-n'o sempre, mas no tempo de festa em que lá estivemos, esses preços subiram consideravelmente e um *landau* para as corridas custou-n'os 15 duros (3 libras) e mesmo assim com difficuldade o obtivemos.

O hypodromo é amplo, e elegante, mas falta-lhe o panorama magico do nosso hypodromo do Bom Sucesso.

Em Madrid, como em Lisboa, as corridas de cavallos não podem esconder a sua marca de importação.

Mais animadas que as nossas, porque a gente hespanhola é muito mais alegre, muito mais ruidosa, do que a nossa taciturna gente, e porque em Madrid ha mil vezes mais luxo do que em Lisboa, e porque ha finalmente muito mais equipagens e muito melhores, e muito mais elegantes, as corridas de cavallos em Madrid, não tem nada do característico alegre d'uma festa nacional, d'um divertimento indigena, como por exemplo tem as touradas.

E as corridas a que assistimos tinham sobre todas as outras o réclame enorme de serem uma festa de luxo, um dos poucos festejos de caracter publico que a Hespanha offereceu aos Reis de Portugal. Tudo o que havia de fidalguia, de elegancia, de luxo em Madrid, fez-se um dever cortezão e um dever de moda de ir ao hypodromo: a curiosidade levou o povo a encher o resto d'esse hypodromo, tanto mais que era gratuita a entrada dos peões.

Entretanto a grande animação tradicional das corridas inglezas e francezas não appareceu no hypodromo de Madrid, e o melhor da festa, o mais deslumbrante, o espectáculo realmente estranho para quem nunca sahira de Portugal, foi o desfilar das carruagens ao sahir do Hypodromo.

É extraordinario o numero de carruagens que ha em Madrid.

Todo o longo caminho que vae do Prado, em frente da calle d'Alcalá até ao Hypodromo, uma

larguissima avenida, extensissima, estava orlada d'um lado e outro, de carruagens que vinham das corridas e estacionavam em alas para assistir ao desfilar das outras equipagens.

Todas as carruagens de Lisboa não dayam para essa extensão; pois em Madrid, por meio d'esses centenares de carruagens passaram ainda mais de mil, das mais elegantes das mais brilhantes, carros de corridas com formosas raparigas sentadas lá em cima nos bancos em cocuruto na extremidade do carro, que lhes dão um aspecto dos caprichosos e extravagantes barcos chinezes.

E por mais de uma hora, na calle d'Alcala foi um enorme e constante desfilar de carruagens duas a duas, tres e tres, a galope com um grande ruído animado de festa e d'alegria.

* * *

Uma das coisas que mais espanto causou aos portuguezes, n'essa grande multidão de carruagens foi a maneira como os guardas civis fazem a policia.

Para nós que estamos habituados a ver em qualquer parte onde se juntam dez trens, a policia fazer uma confusão diabolica, discursos eloquentes, e permanentes tumultos, foi uma verdadeira novidade, ver a ordem com que silenciosamente e delicadamente um punhado de guardas civis, policiava esse movimento rapido de 2 a 3 mil carruagens, sem haver nem um atropelamento, nem uma desordem, nem um discurso.

É excellente a policia madrilenha, intelligente, cortez, prudentissima e calada.

Dizem que todo o hespanhol é orador. Pois o policia portuguez justificava muito mais essa asserção em relação a Portugal.

Em Lisboa o policia não policia, discute, conversa e ora. Quando ha qualquer caso que necessita de intervenção do agente da segurança publica, a primeira coisa que esse agente faz é cavaquear.

Não é uma auctoridade, é um discursador. Não faz policia, faz conferencias. E depois de fallar ás massas discute com ellas, ouve d'um, ouve d'outro, e replica, e torna a replicar, e faz ditos, faz graçolas, faz leis, insulta a grammatica e insulta os interlocutores; embaralha tudo, confunde tudo começa por metter os pés pelas mãos, e acaba por metter na cadeia, não o criminoso porque esse teve tempo para fugir, mas os seus interlocutores que lhe rebateram os argumentos.

Mas diga-se a verdade toda. A culpa não é só do pobre policia, é da organização da policia civil, é dos nossos tribunaes, onde se permite aos advogados a pretexto de defender os reus, o insultar os policias que os prenderam, e que assistem ali callados, humilhados, áquellas descomposturas violentas, sublinhadas pela troça dos espectadores, que se alegram sempre que vêem atirar duas facecias a um policia, como se alegram no Campo de Sant'Anna quando vêem metter dois ferros n'um boi.

E d'ahi o desprestigio completo da policia, com a collaboraço de toda a gente, d'ella propria que muitas vezes não sabe manter-se no seu logar, dos tribunaes que a não fazem respeitar, do povo que a achincalha impunemente.

Em Hespanha fia tudo muito mais fino. O policia hespanhol não é para brincadeiras; quem lhe faltar ao respeito tem para peras, quem levantar mão contra elle é julgado rapidamente — crime militar — e a sentença pôde ir, e tem ido, até a pena de morte.

Em Lisboa o faltar ao respeito á auctoridade é o pão nosso de cada dia, e o espancar a policia é o cha nosso de cada noite.

E o mais que custa são 15 dias de prisão, remiveis a tostão por dia. É barato como o demónio, quinze tostões!

Além da lei contra os insultadores da auctoridade ser serissima e severamente applicada, o policia hespanhol anda sempre armado com um revolver carregado e faz d'elle uso quando é necessario. Mas como tem tambem, a seu turno, de responder seriamente por esse uso, tem n'elle toda a cautella, prudencia e discernimento.

(Continua.)

Gervasio Lobato.

O ALTO CONGO E AS ESTAÇÕES DE STANLEY

Como tudo o que interessa a Africa, especialmente o Congo, ou Zaire, onde os nossos interesses e tradicionais direitos estão comprometidos e não sabemos mesmo se offendidos, achamos interessante dar uma idéa dos territorios on-

de se tem começado a estabelecer os dois emulos: Stanley e Brazza.

É de Vivi para deante que os dois exploradores tem concentrado a sua actividade, e com quanto Brazza parecesse, segundo as suas primeiras intenções apparentes, querer derivar o commercio do alto Congo para a muito rachimica colonia do Gabão, fazendo sua principal via o Ogué, é certo que as relações posteriores nol-o mostram, tendendo a apoderar-se do curso inferior do rio, procurando os francezes estabelecer-se em Ponta Negra e Luango. E não admira, porque Brazza construiu já uma estrada desde Mfwa ou Brazzaville a Vivi, ponto que Stanley tinha occupado, e d'alli para baixo a navegação é mais facil do que para o alto Congo.

Vejamos primeiro Stanley. Desde Isangila até Kimpoço acham-se estabelecidas umas poucas de estações e missões.

Em Isangila começa-se agora a fundar uma casa com accomodações precisas, sz bem que as provisões não falem.

Isangila, está collocada em uma posição magnifica, dominando o rio, que é alli largo e bello. As aguas correm mansas e brilhantes. Do outro lado avança sobre o rio um rochedo escarpado sobre o qual a riba se apresenta avermelhada, mas no alto coroada de verdura. As aguas do rio, vindo bater contra esse rochedo que entra pela ria até certa distancia, esmaltam-se de espuma e correm um pouco revoltas e agitadas. A outra parte do rio corre mansa e tranquilla espelhando o sol nas suas aguas. A corrente junta-se então e formando um grande salto cabe em vagas espumosas sobre uma infinidade de rochedos, formando uma cataracta e com grande ruído. Essa massa de espuma subdivide-se então, e cerca e lambe algumas ilhas povoadas de verdejantes arvores, e no seu revoltar apresenta um variegado colorido, pela incidencia dos raios de um sol ardente.

Esta estação tem progredido pouco.

A flotilha de Stanley discorre por estas immediações. A estação que se segue é a de Manyanga, com quanto ainda sobre a margem esquerda se encontrem a alguma distancia Banza Manoeka, povoação indigena, e mais proximas do rio as missões de Bayneston e de Mukunbungo, mais proveitosas para os seus pastores do que para os naturas.

Entre Isangila e Manyanga faz-se a viagem por agua, porque as quedas, cachões ou cataractas d'esta parte do rio não apresentam grandes difficuldades á navegação. Pequenos vapores estabelecem a communicação, que ainda assim não é de uma rapidez espantosa, porisso que se gasta n'este trajecto quatro dias, sendo a distancia proxima de 90 milhas, cerca de 30 leguas. Comtudo a viagem por terra, segundo diz um viajante, gastaria oito dias ao longo da margem norte do rio.

A scena que se goza n'esta viagem é indisciplinavel. As margens são abundantemente arborizadas, e quantidade inumeravel de plantas trepadoras e rasteiras cobrem o solo e revestem as arvores.

Ora parece um panno verde estendido sobre a espessura das arvores, affectando as formas da ramaria que encobrem, ora parece um rendilhado marchetado de esmeraldas, deixando ver os troncos e ramagens da espessura, na qual comtudo nenhum pé humano poderia penetrar.

Seria longo descrever as bellezas d'estas margens, que parecem de uma architectura gigante e caprichosa, de que nenhum estylo conhecido pôde dar idéa.

O Congo vê-se semeado de ilhetas revestidas de arvoredo verdejante, por entre as quaes a corrente gira, descorre e susurra. Em alguns sitios a agua agita-se em giros constantes mostrando que sob ella existe um d'esses sorvedouros terriveis que arrastam tudo para si. Se alguma cousa se aproxima, o naufragio é certo.

Ao longo das praias, tanto das margens como das ilhas, faz o seu ninho um pequeno passaro muito bonito chamado scientificamente glareola. Veem-se aos milhares por sobre a superficie das aguas e sobre as ilhas perseguindo os insectos que abundam n'estas localidades. É talvez devido á sua presença que os mosquitos aqui não apparecem.

Em outras partes do Congo as arvores sahem do seio da agua, resistindo á corrente. Devem indicar os sitios de algumas ilhas que se descobrem na occasião da estiagem, ou mais provavelmente, submergidas por qualquer causa, porque não é crível que de uma estação á outra as arvores pudessem adquirir vigor tal, que não fossem prejudicadas pela corrente.

Nas proximidades da cataracta de Livingston, a qual não é muito forte, o Congo tem certa grandiosidade, mas ao aproximar-se de Manyanga, as margens não apresentam nada de notavel. Pequenas

nas elevações de terra arruivada mosqueada e betada de veios verde-amarelos, e salpicada pela base de acanhadas árvores, bordam o rio, parecendo que este renunciou os seus altos espiritos, para cahir na maior trivialidade.

Os indigenas começam então a apparecer acoorados pela margem sul, secando as suas redes.

Os cães, que os acompanham teem as orelhas levantadas e mosqueados de amarello e branco.

A sua saudação, ou maneira de se dirigir á gente é por esta palavra «Mboté, mboté» que repetem muitas vezes, e parece significar, bom, bem, brandamente, porque é usado em toda a especie de relações cordenes em todo o Congo, entre a costa e o equador.

(Continua.)

J. B.

HISTORIA DE MAGDALENA

I

Quando eu me ajoelhei defronte do altar da Virgem para receber a primeira vez o pão do amor, que ella formára no seio immaculado, senti-me presa ao olhar suave da mãe dos meus sonhos, porque ella foi quasi desde o berço minha adorada mãe. Quem me dera a devoção infantil, com que eu ouvia os canticos sagrados, a musica religiosa do órgão, a toada solemne das orações da igreja, e o enlevo com que eu aspirava todos esses perfumes das primeiras crenças da meninice!

Como o templo coberto de galas, com os formosos adornos do culto, me encantava a mim, pobre creança, me deliciava, banhando-me a alma de purissimas alegrias!

E o afadigar ansioso, quando nos arranjavamos para ir á festa; como nós escolhíamos os melhores vestidos, os mais lindos enfeites, todas as joias mais preciosas!

Foi ali que se accendeu pela primeira vez o lume d'este coração: foi ali que eu sagrei aos pés do altar da Virgem o meu primeiro amor.

Embararam-nos no mesmo berço, gosámos os primeiros sorrisos da idade d'ouro, dos sonhos da infancia, e germanámos a nossa vida e as nossas aspirações n'uma unica esperanza: — a felicidade do nosso amor.

Como tudo nos parecia alegre, então! Como as flores que nós colhíamos aos domingos, para adornar o altar da mãe de Christo, perfumavam os nossos innocentes affectos!

Ao diadema de rosas brancas, que cingia a fronte da Virgem, era semelhante o pensamento de duas almas, que a primeira benção da felicidade unira para sempre na terra.

Para sempre? Vejo-o ainda nas magoadas reminiscencias do meu passado.

Lembro-me d'esse desabrochar da imaginação aos quadros floridos dos meus sonhos infantis, e tenho saudades.

Não sei se aquillo seria um amor profundo, como o soffri depois; mas era um amor santo, uma devoção suavissima, como a primeira oração pelo eterno descanso de minha mãe no seio de Deus.

Não me saltava o coração no peito, quando o via; não se me incendiavam os olhos, do lume da via; não se me incendiavam os olhos, do lume da paixão febril, quando o beijava; mas sentia esmaecer-se em minha alma uma doçura ineffavel, e banhar-se todo o meu corpo n'uma voluptuosidade castissima.

Era assim o meu amor: — sereno e doce como o primeiro e ultimo sorriso do anjo da alvorada, quando a noite vai acoutar-se na profundidade do seu abysmo.

Havia entre nós uma intimidade descuidosa, como pode ser a de dois irmãos. Dormiamos no mesmo quarto, levantavamo-nos á mesma hora, como desabrochar da manhã, iamos offerecer as primicias do nosso coração, unidos em doce abraço, ao altar onde minha mãe nos ensinara as primeiras orações, e vinhamos depois para o trabalho com o sorriso nos labios e a alegria a irradiar-nos do rosto.

Eu assentava-me a bordar no caramanchão do jardim, nas formosas manhãs de primavera, e elle ia estudar as mais bonitas paisagens d'aquelles pittorescos arredores, para as copiar depois em traços e côres harmoniosissimas.

Eu amava todas as suas obras desde a mais imperfeita, e gostava de todos os seus enlevos de artista, quando elle me mostrava, inundado de

alegria, o desenho mais lindo e mais acabado, pedindo os meus gabos e a minha approvação.

Tenho ainda no meu album, unica memoria d'elle, retratados todos os logares da nossa ignorada felicidade.

Apraz-me recordar mais uma vez a formosa paisagem, onde elle me levou, em dia do seu anniversario, para alli passarmos as doces horas da sesta, e que depois elle pintou na ultima pagina do meu album, como o seu ultimo presente de amores.

Como eramos ditosos então, na primavera dos annos, na candida verdura da mocidade, espelhando as nossas alegrias nas perolas do rio, nas esmeraldas do valle, no azul do ceu, e nos matizes das flores!

A collina elevava-se graciosa, toda frescura e louçania, com as galas do copado arvoredo.

Coroavam-na sobre a denticulada crista comas verde-escuras dos pinheiros, e banhavam-lhe as faldas as aguas cristalinas, que murmuravam por entre as sebes floridas do valle d'alem.

Nós estavamos sentados á beira do rio, vendo fronteira á nós uma enorme pyramide de rochedos pardacentos, beijados ainda pelos ultimos raios do sol.

Um silencio suavissimo era apenas interrompido pelo derradeiro canto das aves, o mavioso adeus de despedida ao esmorecer da tarde.

O doce abraço do crepusculo era o nosso abraço voluptuoso; o ultimo beijo do sol o nosso beijo de noivado!

Que triste prophécia!

Os nossos amores deviam esmaiar assim, e só os poderia illuminar depois alguma estrella perdida na immensidade do ceu.

O ceu... o ceu! o que é elle para uma alma, que viu partir-se-lhe na terra o vaso de crystal, a amphora perfumada, onde estavam encerrados todos os balsamos d'uma felicidade infinita?

Quem inventou o ceu para um coração despedaçado de saudade e desesperanças?

Onde vive o Deus que levanta até si as lagrimas obscuras d'este amor no pensamento atribulado?

Tenho aqui, na ultima pagina do meu livro da infancia, a realidade dos meus sonhos de creança. Guardo este thesouro, como o avaro, porque é o sacrario, onde se leva entristecida a minha innocencia e a minha primavera.

Estreito-o ao coração todos os dias e todas as noites, e sagro-lhe as minhas derradeiras amarguras.

— Quero fazer-te um presente no dia de teus annos, Magdalena, disse-me elle uma vez, beijando-me com a intima suavidade d'uma inspiração celeste.

— E o que é? perguntou-lhe o meu sorriso inundado nas rosas do amor.

— É o teu retrato, que eu vou principiar hoje. Ha muito tempo que ando a estudar essa cabeça d'ouro; tenho procurado inspirações para interpretar a tua formosura em todas as formosuras da terra e do ceu. Ha de ser um bonito quadro: ha de ser a minha obra prima, a minha estrella de artista, o meu ideal. Tenho-o sonhado tantas vezes com as estrellas, e com as flores; desenhandoo com os raios do sol e com os raios da aureola da Virgem; vendo-o nas horas da minha meditação, quando o mundo se abraça com Deus, ás horas silenciosas da noite, aos alvares suavissimos da lua!... És tu sempre que me appareces d'entre os vôos do meu pensamento para o ceu. Como hei de ser feliz quando acabar o teu retrato, Magdalena!

E abraçava-me e beijava-me, e eu deixava-me cahir em seus braços com esse esmaecimento dulcissimo, que deve ser o preludio de todas as delicias, que se podem gosar no seio do amor.

— Vámo para a sala de pintura. Quero principiar a minha obra já.

E fomos, ambos entrelaçados no mesmo desejo, com a felicidade e a innocencia no coração, o sorriso nos labios, presentindo todos os prazeres dos anjos no pequeno mundo das nossas alegrias.

(Continua.)

Guimarães Fonseca.

RESENHA NOTICIOSA

TALISMAN. Como se sabe o vapor francez d'este nome anda ha tempos em viagem scientifica, nas sondagens das costas e mares, onde tem encontrado a grandes profundidades especies de peixes ainda não conhecidas na sciencia. Tem sondado já grande parte das costas de Hespanha, Portugal, Marrocos, Cabo Verde, Canarias, Fayal, e outras

ilhas dos Açores. A commissão scientifica é composta dos srs. A. Milne-Edwards, filho do celebre naturalista, Vaillaut e Perier, professores do museu de Paris; Filhol, professor da faculdade de Tolosa, Fischer, ajudante naturalista do museu de Paris, marquez de Folin, official de marinha reformado, Brogniart, preparador do museu de Paris, e Poirault, naturalista adjunto. Milne-Edwards é o presidente. O navio chegou a Ponta Delgada no dia 17 de agosto. A commissão desembarcou e dirigiu-se ao Valle das Furnas, onde aquelle tempo se achava a flor da sociedade da Ilha. Foram recebidos como é de uso pelos bizarros michaelenses, tendo havido passeio na lagoa e reunião em sua honra, primando todos em obsequial-os, e sendo sempre acompanhados pelos illustres srs. dr. Ernesto do Canto, e seu irmão José do Canto. No valle procederam tambem a exame das aguas medicinaes que alli abundam, e recolheram exemplares dos reinos mineral e vegetal. Retiraram d'alli encantados das maravilhas pittorescas d'aquelle poetico sitio.

UNIVERSIDADE. O cardeal Manning vai estabelecer uma universidade catholica em Londres.

QUESTÃO DO TOUNKIM. Apesar de algumas victorias e de algum territorio tomado subsiste a questão entre a França e a China a respeito do territorio do Tounkim. A França apresentára o seu ultimatum á China e esta respondeu agora por intermedio do marquez de Tseng, seu embaixador residente em Paris em uma nota bastante energica, na qual porém se faz sentir que a conquista pela França d'aquelle territorio lhe traria grandes sacrificios de gente e dinheiro, e não lhe daria resultado algum positivo, mas sim uma lucta constante. A China propõe que se divida o Tounkim entre ella e a França, ficando o rio Roxo por limite commum. Alguns pretendem que esta resposta é inspirada pela Inglaterra, que tem tido certa reserva n'este assumpto e parece um tanto inclinada para as idéas da China. Ha quem affirme que a suzerania d'esta potencia sobre o Tounkim é só relativa ao espirital, e que no temporal ella pôde soffrer todas as alterações, sem quebrar os direitos do celeste imperio. As ultimas noticias parecem confirmar que, se a França não vier a um accordo com o marquez de Tseng este retirará para Londres. A China tem feito grandes armamentos e tem melhorado muito as suas condições militares maritimas e terrestres. Sobre este assumpto veja-se o nosso n.º 164 de 11 de julho do corrente anno.

CASAMBUCCIA. Tem-se sentido novos abalos n'esta infeliz e desolada povoação.

FURACÃO. Houve ultimamente em Macau um furacão que causou muitos estragos, e ainda mais violento do que qualquer d'aquelles a que nos referimos no nosso n.º 167, no artigo Palacio do Governo de Macau.

NOTAS FALSAS. A policia da cidade do Porto descobriu uma tentativa de fabrico de notas falsas, parece que do Brazil, em que se acham implicados varios individuos portuguezes e brazileiros. Já foi presa em Coimbra uma mulher que parece ter feito importantes revelações.

ARQUITECTO. Foi nomeado para este cargo pela camara municipal do Porto, o sr. Evaristo N. n.º 25 Pinto. Este cavalheiro foi empregado na construção e delineamento do caminho de ferro do norte, da parte entre Coimbra e Porto. Depois fundou n'esta cidade em 1870 o primeiro consultorio de engenharia, que projectou e construiu muitas obras na provincia de Entre Douro e Minho. Foi um dos principaes auctores e promotores dos ca-

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

O que sobeja é o que farta.

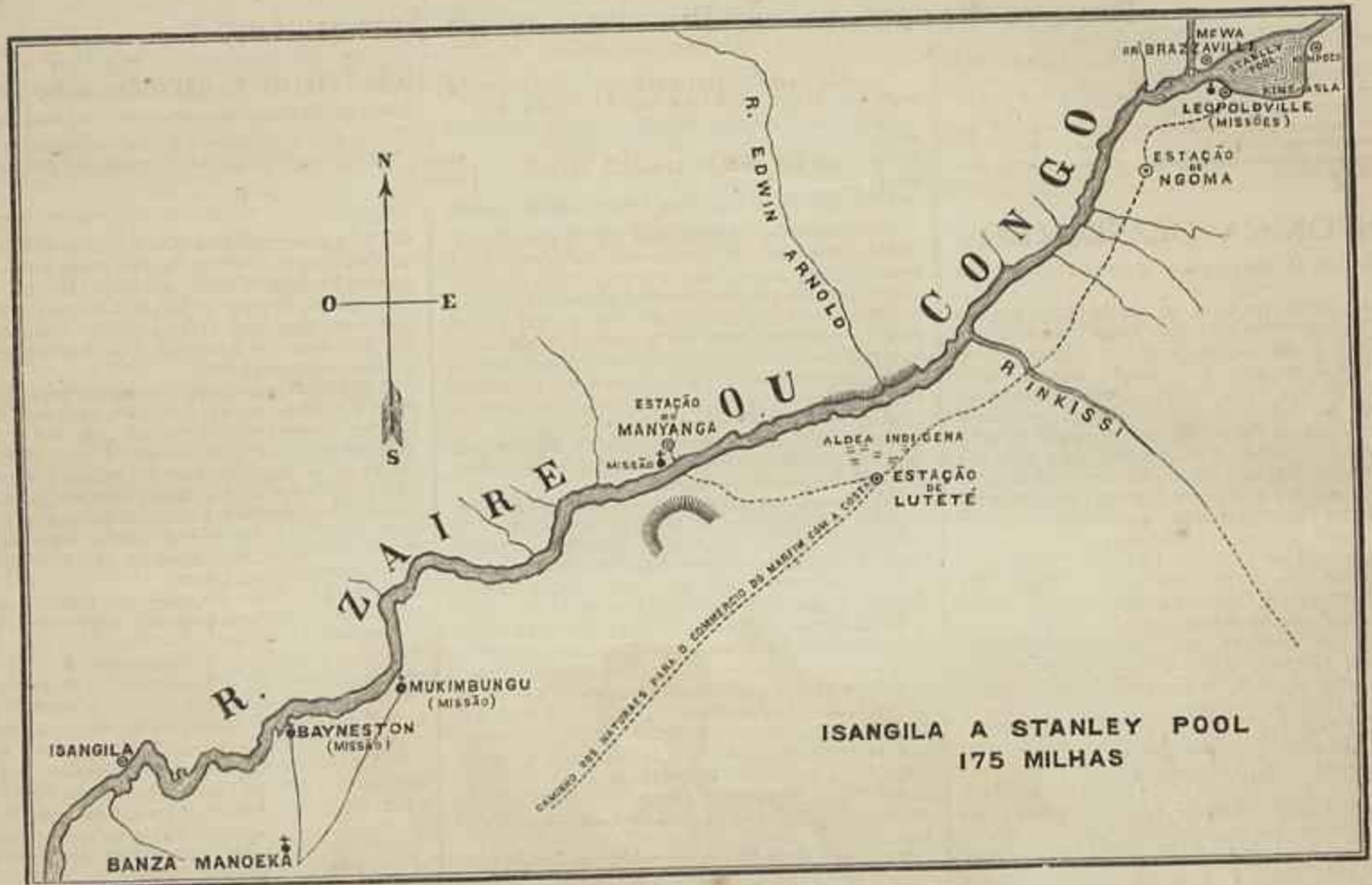
minhos americanos do Porto á Foz e Matosinhos tanto pela margem do Rio, como pela Boa-Vista, e á Povoá de Varzim, e dentro da cidade. Não lhe falta pratica do serviço, nem actividade.

HUSSARES DA MORTE. Ha um regimento no exercito da Allemanha do norte, que tem este titulo, porque durante as campanhas de Frederico, o grande, foi por varias vezes quasi completamente aniquilado. O distinctivo que se lhe deu em commemoração dos seus feitos, foi uma caveira sobre dois ossos cruzados na parte anterior do dolman

exactamente como aquelle que os nossos lanceiros usam, mas n'estes tem a legenda *Morte ou Gloria*. Por occasião da parada que houve em Hamburgo, appareceram no Estado Maior do imperador Guilherme, vestidos com uniforme semelhante ao d'esse regimento a princeza imperial, a princeza de Hesse Nassau, e a princeza Victoria neta do imperador e da rainha Victoria. A primeira d'estas amazonas trajava vestido branco, jaqueta bordada, do hombro pendia-lhe o dolman dos Hussares, e na cabeça o elegante *colbach*.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:
MAGDALENA, I. A VISINHA DO POETA, Henrique Perez Escrich, tradução de J. Cruzeiro Seixas, Joaquim Antunes Leitão, editor, Porto 1883. Um volume em 8.^o de 240 paginas illustrado. Este volume faz parte da colleccão da Bibliotheca do Cura de Aldeia, a qual tem publicado os melhores livros de Escrich, sendo este um dos mais interessantes do bem conhecido auctor.



O ALTO CONGO E AS ESTAÇÕES DE STANLEY

LES AFFAIRES ESPAGNOLES, hispano-coloniales, portugaises et sud-américains, periodico publicado a 5 de cada mez. Paris, Rue de la Victoire, 45 — Madrid, calle de las Veneras, 5. — Este periodico dá conta de todos os projectos financeiros, commerciaes ou industriaes relativos a Hespanha, Portugal e America do Sul.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, terceiro anno oitava serie, 1883. David Corazzi, editor. Empresa Horas Romanticas, premiada com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro. Administração: 40, Rua da Atalaya, 52, Lisboa. Filial no Brazil, 40, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro. — Numero 62. — Fabulas e apologos, livro destinado a servir de premio escolar nos institutos de instrucção primaria e secundaria. E uma colleccão variada d'estes pequenos poemas, extrahidos das obras de muitos poetas portuguezes, uns trazidos ou imitados, outros originaes, podendo

até comparar-se algumas vezes á maneira como cada um tratou o mesmo assumpto.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA. Ernesto Chardron, editor. — 4.^o anno, 1883 n.^o 7. Trata este fasciculo da *Musa velha* de Francisco Palha. *O senhor deputado*, de Julio Lourenço Pinto — *Catalogo das moedas arabes*, por José Pereira Leite Netto, homenagem posthuma; *Cathecismo explicado*, do padre Manuel Antonio Pires; *As obras de D. Ayres de Ornellas*, artigos do jornal francez — *Le monde*. Novas publicações portuguezas e francezas da livraria Hachette et C.^o

ESTATUTOS DO COLLEGIO ACADEMICO DE NOSSA SENHORA DE GUADELUPE EM BRAGA, fundado em 1876. — Braga, typographia Camões, Campo de Sant'Anna — 1883. — 4.^o pequeno de 56 paginas. Aos estatutos que tem 131 artigos, segue-se o regulamento interno com 49 artigos.

REVISTA DOS ESTUDOS LIVRES, directores litterario-scintificos em Portugal: Dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos. *No Brazil*: Drs. Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero. — Comprehede este fasciculo: *Elementos da Nacionalidade portugueza* (colonias dos phenicios, jonios e cartaginezes) por Theophilo Braga, *O duello considerado nas suas relações com a historia e com a civilização moderna*, (continuação) por Teixeira Bastos. — *A incineração dos cadaveres*, por J. Augusto Vieira — *Theoria da arte* por Julio Lourenço Pinto, — *Uma conferencia sobre philosophia*, por Teixeira Bastos. *Bibliographia: Lucros e perdas*, por Theophilo Braga.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIPIANA — LISBOA
Rua Oriental do Passeio, 8 a 20

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884

(3.^o anno de publicação)

Este almanach é o unico, no seu genero, que se publica em Portugal. Illustrado com magnificas gravuras de monumentos e paisagens de Portugal, copias de quadros de artistas portuguezes, e retratos de notabilidades, com uma secção de necrologio do anno, illustrado com retratos. A parte do kalendario, tabellas e todas as indicações uteis para o publico, é das mais completas.

Uma linda capa a aguarella a cores, pintada pelo distincto scenographo MANINI

Começa a venda d'este almanach no dia 6 do corente.

Preço em Lisboa, 200 réis. Pelo correio, 220 réis.

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, Rua do Loreto, entrada pela Rua das Chagas, 42, em todas as livrarias e em casa dos senhores correspondentes d'esta empresa.

TYPOGRAPHIA ELZEVIPIANA

De Caetano Alberto & Faro

8 a 20, Rua Oriental do Passeio, 8 a 20

LISBOA

Encarrega-se de todos os trabalhos typographicos pelos processos modernos, para o que possui as machinas emais material com todos os aperfeçoamentos mais recentes.

Especialidade de obras de luxo

Preços moderados em relação ao genero dos trabalhos